

VERDI

AÏDA

Opera em 4 Atos

ELENCO:

AÏDA , princesa etiope	Zinka Milanov , soprano
AMNERIS , filha do Rei do Egito	Fedora Barbieri , mezzo-soprano
RADAMÉS , capitão da guarda	Jussi Bjoerling , tenor
AMONASRO , Rei da Etiópia	Leonard Warren , baritono
RAMFIS , grão-sacerdote	Boris Christoff , baixo
Rei do Egito	Plinio Clabassi , baixo
Mensageiro	Mario Carlin , tenor
Sacerdotisa	Bruna Rizzoli , soprano

Orquestra e Côro da Ópera de Roma

Jonel Perlea, Regente

Luigi Rizzi, Maestro collaboratore

Ugo Catania e Fernando Cavaniglia, Regentes Auxiliares

Giuseppe Conca, Mestre de Côro

LM - 6122

A Ì D A

OPERA EM 4 ATOS

Música de Giuseppe Verdi

Libreto de Antonio Ghislanzoni

Estreada no Cairo a 24 de dezembro de 1871

Três das óperas de Verdi se avizinham da perfeição: *La Traviata*, um de seus primeiros trabalhos, e *Aida* e *Falstaff*, pertencentes à fase final de sua carreira. Das três, destaca-se *Aida*, tanto por sua arrebatadora música como pelo espetacular cenário.

Uma das razões para a importância e glória de *Aida* está no fato de que Verdi teve oportunidade de, como nunca antes em sua carreira, edificar a estrutura dramática-musical dessa obra desde a pedra fundamental. O tema da ópera lhe fôra dado, em esboço, como uma idéia, tema esse que Verdi logo desenvolveu em sua imaginação. Somente após haver, genialmente, construído os alicerces, foi que Verdi convidou um libretista e poeta de escol para elaborar o texto. Praticamente, entretanto, foi Verdi o seu próprio libretista, dramaturgo e compositor; e o único compositor daquele tempo, com exceção de Richard Wagner, capaz de conceber um roteiro no estilo grandioso e dotá-lo de música de inextinguível majestade.

Ao aparecer, *Aida* não só causou sensação mas ainda pôs os "eruditos" musicais, e especialmente os wagneristas, de sobreaviso. Essa gente tratava com menosprezo obras tais como *Rigoletto* e *La Traviata*, de vinte anos antes, as quais haviam tornado o seu criador o compositor operístico mais festejado do mundo. Essas óperas eram vistas com condescendência, quando não com intolerância, por causa de velhos convencionalismos. *Aida* se punha numa categoria diferente, constituía uma partitura de extremo poder dramático, era uma obra que se distinguia pelo estilo literário e pela feição musical — uma obra-prima. Uma saída se fazia imperiosamente necessária para aqueles que vinham afirmando ser Wagner o único compositor que um musicista moderno poderia levar a sério. E os fanáticos pontificavam: Verdi triunfara com *Aida* porque imitara Wagner.

Aida nada tem de Wagner. É Verdi no zênite de suas faculdades criadoras, um Verdi puríssimo atingindo novo marco na sua longa e momentosa evolução como mestre do drama musical

É na realidade a antítese de Wagner e seu estilo sinfônico, e se mostra italiana até a medula — nada tem de germânica.

Se se pudese dizer que *Aida* teve algum modelo, este seria o magnífico estilo operístico de Giacomo Meyerbeer. Eram seus deslumbrantes espetáculos a moda na Paris do Segundo Império. O tema — histórico, mitológico ou lendário — era apresentado, em cinco atos, com toda a pompa e cerimônia imagináveis. Haveria um vistoso bailado no segundo ou terceiro ato, com cantores em destaque. Uma forma que muito se aproxima do gênio de Verdi. Personagens que nunca existiram, de um antigo e desconhecido passado, se transformam — graças às faculdades divinatórias e expressivas de Verdi — em seres emaranhados numa teia de paixões e circunstâncias. Sonham e amam, esperam e desesperam — e vibramos com suas alegrias e seus conflitos e suas tragédias.

Não corresponde bem à verdade determinada versão da origem de *Aida*. É crença generalizada — e o erro tem sido perpetuado em tratados históricos — que Verdi compôs *Aida* por encomenda do Quediva Ismail Pachá, do Egito, para a inauguração do Canal de Suez e de um teatro de óperas italianas no Cairo. Verdi não escreveu uma nota sequer para comemorar a inauguração do canal ou teatro. Por duas vezes recusou ofertas tentadoras do Quediva para tal finalidade. Verdi não se interessava em compor uma ópera para uma festividade ou para qualquer outro fim que não se prendesse à sublimidade da arte. Estivera recolhido no silêncio durante vários anos antes de *Aida*, não sentia necessidade nem de dinheiro nem de fama e se tornava cada vez mais desiludido com as coisas terrenas. Por ocasião da abertura do histórico canal, achava-se ocupado com a criação de cavalos em sua fazenda, e, segundo suas cartas, aborrecido com a publicidade que era feita em torno de seu nome toda vez que enfrentava o mundo com uma nova ópera. O canal foi inaugurado em 1869. *Aida* foi estreada dois anos mais tarde.

Verdi foi atraído por uma isca puramente ar-

tística para compor *Aida*, a qual lhe puseram à frente dos olhos e da qual se aproximou como um peixe diante do anzol. Como resultado, o Quediva finalmente obteve sua ópera — ou melhor, obteve a concessão para a première da mesma.

O intermediário do Quediva que afinal conseguiu tornar Verdi interessado no assunto foi Camille du Locle, que exerceu as funções de diretor da Ópera cômica de Paris de 1870 a 1876, e que fôra um dos colaboradores de Verdi três anos antes no libreto de *Don Carlo* — ópera imediatamente anterior a *Aida*. Du Locle remeteu a Verdi o esboço, escrito em quatro pequenas laudas por "eminente pessoa", de um possível tema para ópera, o qual Verdi talvez gostasse de ler. Verdi logo se tornou interessado e classificou a história de "notabilíssima", comunicando a Du Locle que faria dela uma ópera se fôsem acertadas algumas condições entre as partes interessadas.

Não foi Verdi, na ocasião, informado sobre a identidade do autor da narrativa. Chegou mesmo a pensar, em virtude do cenário da história e a atribuição a "uma eminente pessoa" se não a teria o próprio Quediva escrito — uma presunção bastante lisonjeira para a mentalidade daquele monarca. Não levando em conta a sua origem, o compositor ficou entusiasmado com o tema, e rêle reavivou-se a chama criadora. Concentrou-se no projeto com fervor antes de efetuar negociações com terceiros. O trabalho no libreto se achava consideravelmente adiantado quando Verdi veio a saber que o autor do esboço foi Auguste Ferdinand Mariette, célebre egiptólogo francês, diretor da secção egípcia do Louvre. Esse estudioso fôra o descobridor do templo de Seraphis em Mênfis, onde tem lugar a primeira cena da ópera. Mariette, agraciado com o título de Beí por um governo egípcio agradecido e feito curador de seu famoso museu de Boulac, havia desenvolvido sua idéa na base dos mais substanciais conhecimentos da terra dos Faraós, com um grau de imaginação que nem sempre caracteriza o homem de pesquisas históricas e científicas. Pois esta não é apenas uma história dotada de impressionante fundo cênico, de um poderoso e místico passado. É fundamentalmente, uma história de paixões e conflitos avassaladores, elementares.

O procedimento de Verdi foi tão prático e meticuloso quanto o de um arquiteto com um túnel ou um arranha-céu. Primeiro, mandou chamar Du Locle para Sant'Agata, sua fazenda, imediatamente. Pediu que êle escrevesse não um libreto, mas uma versão detalhada do enredo em prosa, em francês. Essa versão, Verdi a alterou profundamente, concluindo-a com sua própria concepção de um palco duplo para a cena final. Este mos-

tra, na parte superior, os sacerdotes e sacerdotisas executando o solene ritual no templo de Fthá e no inferior, a cripta em que Aida e Radamés aguardarão a morte. O esboço dramático deveria, agora, ser transformado em versos.

O homem escolhido para tal foi Antonio Ghislanzoni, então redator para a *Gazzetta musicale* de Milão, anteriormente estudante de medicina, tocador de contrabaixo, barítono de ópera, jornalista e dramaturgo; um homem de vasta cultura e brilhante e variados dotes literários, e um antigo admirador de Verdi. Ghislanzoni aceitou o convite prazerosamente e anunciou que partiria para Sant'Agata imediatamente, acompanhado de um escravo núbio!

A forma com que Verdi e Ghislanzoni completaram o texto nos proporciona uma fascinante perspectiva do processo imaginativo de Verdi, não apenas como compositor, mas como poeta e dramaturgo. Sempre acompanhou Ghislanzoni nos mínimos detalhes poéticos, pesando as palavras e os versos. Não se importava com o "elegância literária", embora os versos devessem ostentar colorido, beleza e ritmo dramático. E nos locais necessários Verdi, supostamente o campônio italiano simplório, demonstra o mais exato conhecimento da técnica poética. Porém acima de tudo diz êle, deve ter a "*parola scenica*".... "com isto me refiro à palavra que abarque a situação e a torne absolutamente clara... Mas, o que dizer dos versos, da rima, da estrofe, exclamareis... Quando a ação o exigir, abandonarei ritmo, rima e estrofe ao mesmo tempo e empregarei um verso quebrado para exprimir exata e claramente o que a ação requer". E exteriorizou sua antipatia pelo formalismo artístico neste admirável paradoxo: "*Há momentos no teatro em que tanto os poetas como os compositores devem possuir o talento para não escrever nem poesia nem música.*"

Verdi fornece à Ghislanzoni as palavras de Amneris e Aída quando as duas mulheres descobrem serem rivais no amor por Radamés, e em certo momento apresenta ao libretista dez versos seus, externando claramente o seu conceito dos pensamentos a serem expressos e o exato andamento que êle deseja. "Não podes imaginar," diz êle, "que linda melodia poderá ser feita nesta inusitada forma e que graça lhe dará o verso de cinco sílabas vindo após três de sete sílabas, e que variedade resultará dos versos hendecassílabos que se seguirão! Vê se podes transformar isto em poesia e conservar *tu si bella* que fornece tão boa cadência." Claro está que Verdi já se acha compondo a melodia, e que Ghislanzoni deve encaixar versos mais polidos na moldura melódica já construída.

Verdi efetuara transações financeiras altamente vantajosas. Conhecia seu valor e exigira 150.000 francos pelo libreto e pela execução de *Aida* no Cairo. Os direitos do libreto e da música para todas as outras partes do mundo permaneceriam seus. Incluiu também no contrato o seu direito de ditar o elenco da ópera e indicar o regente que a ensaiaria e a regeria. Fazia questão de que o cenário fôsse elaborado com o máximo escrúpulo de acôrdo com as suas indicações e as de Mariette Bey. Naturalmente que o Cairo desejava ardentemente a presença de Verdi na noite de estréia. Entretanto, isso não seria possível.

Verdi tinha horror às viagens marítimas. Disse que se fôsse ao Cairo os egípcios terminariam fazendo dêle uma múmia!

A première de *Aida* verificou-se na Véspera de Natal de 1871, no Cairo perante uma platéia ligeiramente menos pitoresca do que o espetáculo no palco. O Quediva e sua côrte, assim como as damas de seu harém com pesados véus, se achavam instalados nos camarotes; dignitários do Oriente e do Ocidente, com seus trajes típicos; estadistas, jornalistas dos quatro cantos do mundo aí se encontravam. O espetáculo se revestiu de magnificência histórica.

AÍDA

Locais: Mênfis e Tebas

Época: Rainado dos Faraós

ATO I

PRELÚDIO

Cena I — Um saguão do Palácio do Rei de Mênfis. Através do Grande Pórtico ao fundo, podem ser vistas as Pirâmides e os Templos de Mênfis. Reunidos para consultas, Ramfis, Grão-Sacerdote de Isis, diz a Radamés que os etíopes estão novamente avançando sobre o Egito. Em resposta às perguntas de Radamés, acrescenta, significativamente, que a Deusa Isis nomeou certo jovem e bravo guerreiro para comandar o exército que se acha prestes a ser lançado contra os invasores. Sôzinho, Radamés reflete sobre a notícia e, ao mesmo tempo que ocasionais fanfarras de clarins na orquestra contribuem para criar uma atmosfera de guerra, êle canta *Se quel guerrier io fossi*. Depois, expõe com emoção seus pensamentos a respeito de Aída.

Essa mudança de sentimento guerreiro para o de um amor ardente é claramente refletida na música. O jovem soldado, com o pensamento voltado para a sua amada, canta uma bela melodia, *Celeste Aída*, que expressa o ardor de sua afeição por ela, enquanto a orquestra proporciona um cintilante acompanhamento que parece pintar para nos a visão "celestial" de Aída na mente de Radamés.

Esta popular ária serve, de forma dramática, para nos convencer da sinceridade da paixão de Radamés por Aída, e justificar seu subsequente sacrifício pela jovem.

Seus devaneios são interrompidos pela chegada de Amneris, filha do Rei, que, aliás, se acha profundamente enamorada de Radamés. Pela expressão do rosto de Radamés, ela conclui que êle está apaixonado, e, procurando imaginar quem possa ser faz votos para que seja ela a eleita. Radamés procura ocultar seus verdadeiros sentimentos dizendo que estava apenas desejando fôsse êle o comandante da próxima campanha. Neste instante entra Aída, a escrava, e apenas pelo olhar de Radamés, Amneris descobre de relance que é Aída a quem êle ama. Esta procura ocultar suas emoções da enciumada Amneris que, assumindo atitudes amistosas pergunta-lhe qual o motivo de sua precipitada aparição. Aída responde sentir-se infeliz por ter acabado de saber que sua ptria, a

Etiópia, encontra-se novamente em guerra. Radamés, observando Amneris, teme que ela suspeite de seu romance com Aída. As emoções destes três personagens são expressas no dramático trio que agora cantam.

A orquestra executa uma breve frase marcial; o Rei entra e chama à sua presença um mensageiro, cuja chegada acabava de ser anunciada. Esse mensageiro traz a esperada, conquanto desagradável, notícia de que a invasão etíope tornou-se realidade, pois o inimigo está se aproximando da cidade, sob o comando de Amonasro. "Meu pai!", exclama Aída, ao lado. O Rei nomeia Radamés comandante do Exército e Amneris, desfrutando um momento de régio orgulho oferece-lhe o estandarte sob o qual deverá êle marchar, e diz-lhe "Volta vitorioso!". Em seguida, exortados pelo seu soberano para defenderem o Nilo Sagrado até a morte, os egípcios partem, exclamando: *Guerra! Guerra!*

Aída, até o momento esquecida da pátria, a ponto de, sob a influência de sua paixão, acompanhar a multidão que grita para Radamés "Volta vitorioso!" agora, sôzinha, compreende toda a extensão dessas palavras. Numa notável ária, *Ritorna Vincitor!* expressa o seu espanto por lhe ter desejado vitória sobre seu pai. Fica horrorizada por ter sido levada pelo Destino a um terrível dilema: o amor pátrio e a arrebatadora paixão pelo seu adorado Radamés. Seus conflitos emocionais são admiravelmente expressos na melodia variada e nas mudanças harmônicas de *I sacri nomi*.

Cena II — Através das longas filas de maciças colunas egípcias, no escuro templo de Vulcano, vemos, ao longe, um grande altar, iluminado por uma luz misteriosa vinda de cima. Vêem-se pesadas estátuas de várias divindades e de tripodes dourados eleva-se a fumaça do incenso. O Grão-Sacerdote, Ramfis, acha-se diante do altar, enquanto lá fora, sacerdotisas entoam um lúgubre cântico oriental, *Possente Fthá*.

Em contraste, ouvem-se as vozes dos sacerdotes, também fora do templo, cantando em solene harmonia suas preces ao mesmo grande deus, a quem aclamam como "o espírito vivifi-

cante... o fogo eterno... Criador de tudo... Vida do Universo!"

Em seguida, Ramfis, acompanhado de outros sacerdotes, invoca a bênção do deus sobre a expedição. Sacerdotisas executam imponente dança sagrada, enquanto Radamés entra e recebe o véu sacro. Agora Ramfis entrega a Radamés uma espada sagrada... que seja ela mortífera para o inimigo. Em seguida, voltando-se para o Altar Ramfis canta uma oração: *Nume, custode e vindice*.

Radamés reza, também; depois, enquanto está sendo investido da armadura sagrada, os sacerdotes e sacerdotisas retornam ao místico hino e à dança. A música atinge um clímax tremendo, quando todos se voltam para o Altar fervorosamente rezando — "Protegei e defendei o solo sagrado do Egito".

ATO II

Cena I — Uma sala nos aposentos de Amneris. A filha do Rei está recostada langorosamente num sofá, cercada de escravas que a preparam para o festim da vitória; dos tripodes emanam vapores perfumados; jovens eunuocos mouros movem enormes leques de penas. As escravas entoam uma canção oriental em louvor do amado de Amneris. A própria princesa se põe a cantar com elas, exclamando: *Vieni sul crin ti piovano*.

Quando ela novamente se senta, os jovens mouros iniciam um bailado.

Vendo Aída aproximar-se, Amneris ordena aos escravos que se retirem e se prepara para a vingança. Esta, ela concebe habilmente, ou melhor, ardilosamente. Fingindo amizade, ganha a confiança de Aída e, em seguida, ao dizer-lhe que Radamés foi morto em batalha, faz com que a pobre escrava caia em prantos, revelando assim o seu amor pelo comandante egípcio. Este amor é mais tarde confirmado pela visível alegria de Aída quando Amneris confessa sua cilada e diz que Radamés está vivo. Amneris declara que também o ama apaixonadamente. A rival da escrava é a própria filha do Faraó!

Aída fica sem ação. Só pode implorar misericórdia — a uma víbora. Não faz nenhuma tentativa para ocultar seu amor, apenas implora piedade, embora em vão. Amneris logo a condena à morte pela audácia de ser sua rival, porém o som de música festiva anunciando o regresso do vitorioso Radamés sugere à princesa vingança mais cruel ainda. Faz questão de que

Aída primeiro assista ao desfile triunfante de Radamés e presencie seus gestos reverentes quando ela se sentar ao lado do Rei, seu pai.

Cena II — Uma avenida que leva à cidade de Tebas. Em primeiro plano, palmeiras. À direita, um templo dedicado a Amon. À esquerda, um trono com um pálido púrpura. Ao fundo um arco de triunfo. Uma multidão ocupa o cenário.

Entra o Rei, seguido pelos dignitários, sacerdotes, capitães, porta-leques e porta-estandartes. Depois, Amneris com Aída e escravos. O Rei se senta no trono e Amneris à sua esquerda. O povo e os sacerdotes se unem em majestosa marcha triunfal, *Gloria all' Egitto e ad Iside*. Entram as tropas egípcias, precedidas por músicos, que tocam longas e fulgurantes trombetas. Seguem-se as dançarinas, que executam curiosos passos egípcios perante o Rei, enquanto a orquestra proporciona excitante música de bailado, de nuances exóticas.

Êle reiniciada a canção de louvor, enquanto outras tropas precedidas de carros de guerra; estandartes, vasos sagrados e imagens de deuses, tudo é trazido ao alto, em triunfo. Finalmente, quando a festa atinge o auge, entra Radamés sob um pálido carregado por oficiais.

O Rei desce do trono para abraçar Radamés, salvador da pátria. Amneris coroa o vencedor, e o Rei promete conceder-lhe qualquer favor que deseje pedir. Radamés, antes de tudo, pede que tragam os prisioneiros.

Entram os prisioneiros. Entre êles encontra-se o rei etíope, nos trajes de soldado raso.

Aída avança para êle impetuosamente, exclamando: "Meu pai!". Aproveitando a excitação geral reinante, Amonasro sussura-lhe que não revele seu posto. Chamado pelo Rei, Amonasro declara ser o pai de Aída, reconhece sua derrota e narra como o "Rei da Etiópia" (que é êle próprio), trespassado por inúmeros golpes, expirou a seus pés. "Se amor pátrio é crime", acrescenta êle, "somos todos criminosos — todos dispostos a morrer". Em seguida, dirigindo-se ao Rei e chamando-o de "Poderoso Governante", implora-lhe misericórdia para os prisioneiros. "Hoje somos vítimas do Destino", diz, "amanhã o mesmo poderá acontecer convosco".

A franqueza rude e as maneiras finas de Amonasro captam a simpatia do Rei. A população e os prisioneiros pedem a sua libertação; os sacerdotes, porém, exigem a sua morte e a dos outros cativos; Radamés pede clemência e, lembrando a promessa do Rei, solicita que a vida e a liberdade sejam concedidas aos etíopes.

O Rei atende ao pedido, estipulando contudo, por insistência dos sacerdotes, que Aída e Amonasro fiquem como reféns. Depois, inconscientemente, o Rei empana a alegria de Radamés ao anunciar que o herói terá sua grande e devida recompensa: a mão de Amneris.

Tem lugar, então, empolgante final. Amonasro jura vingança contra seus inimigos; Amneris, tendo conseguido vingar-se de Aída, exulta ante a perspectiva de seu próprio casamento com Radamés, enquanto êste e Aída se fitam num desespero sem remédio. As vozes de suas variadas emoções se junta o hino triunfal do povo, dos sacerdotes e do Rei, todos unidos para formar uma das mais impressionantes cenas de música e pompa em todo o reino da ópera.

ATO III

Cena: As margens do Nilo... rochedos de granito cercados de palmeiras... ao alto, um templo dedicado a Isis, semi-oculto na folhagem... É noite... para o disco prateado da lua no céu cheio de estrêlas... Prolongados compassos nas cordas servem de fundo à delicada melodia executada pelo oboé e nos sugerem a atmosfera do exótico e fascinante mistério das margens do Nilo, banhadas pelo suave luar. Ouvem-se vozes no templo, entoando o hino de louvor e intercessão, *O tu che sei d'Osiride*. Enquanto isso, Amneris e o Grão-Sacerdote saltam de um barco e entram no templo a fim de rezarem pela felicidade da próxima união de Amneris e Radamés. Mal desaparecem, entra Aída, levada por uma vaga esperança de aí poder encontrar Radamés. Se êle lhe der adeus para sempre, encontrará ela paz e esquecimento nas águas escuras do Nilo! Estes pensamentos sombrios levam-na a evocar a terra feliz de sua infância e a cantar a terna ária *O patria mia*, uma das mais lindas da ópera, tendo por fundo um estranho acorde para oboé, distante e misterioso.

Aída se sobressalta com a presença inesperada de seu pai. Amonasro descobriu na paixão de Aída um meio para a fuga e até mesmo para a vitória; e, como hábil estrategista que é, explora as emoções da ingénua moça como o fizera Amneris. Quase com crueldade, lhe diz que, por seu amor a Radamés não mais é etíope nem digna de ser chamada sua filha, que não passa de uma escrava a serviço dos egípcios. Contudo, poderão fugir e seu exército poderá vencer se ela conseguir de Radamés o segredo de seus planos de campanha. Aída fica horrorizada com a idéia de tal procedimento; Amonasro a repreende e a culpa por toda a desgraça de seu povo, que somente

ela poderá salvar. Incapaz de resistir ao impulso patriótico, ela cede, finalmente; e Amonasro, ao ver que Radamés se aproxima, esconde-se entre as palmeiras. O herói procura abraçar sua amada, exclamando: "Finalmente te revejo, minha doce Aída!". Mas, premida pelas ameaças do pai, Aída, com malícia, pede-lhe que prove seu amor fugindo com ela. A cena constitui memorável diálogo musical — *Fuggian gli ardori*.

Quando êle cede aos encantos de Aída, é, por sua vez, prêsas de suas próprias emoções e pinta um quadro róseo de uma vida fácil e feliz com sua amada nas abençoadas terras da Etiópia, distante das tribulações do Egito. Estão prestes a fugir quando, respondendo à bem planejada pergunta de Aída por que estrada poderão seguir, êle revela a informação do roteiro do exército egípcio.

Radamés, comandante dos egípcios, revelou seus segredos militares! Amonasro deixa seu esconderijo e se identifica como o comandante das forças inimigas. Agora é tarde demais para Radamés se arrepender; diz-lhe Amonasro com sutil casuística que êle, Radamés, não tem culpa, que foi o Destino quem o traiu. Assegura-lhe, todavia, que a felicidade os aguarda a todos na Etiópia, para onde terão agora que fugir.

Amneris, saindo do templo, ouviu a conversa. Louca de ciúme, investe contra os três e os acusa com veemência, especialmente a Radamés, que ela chama de traidor da pátria, dos deuses e dela própria. Amonasro e Aída fogem, porém Radamés, dominado pelo arrependimento, deixa-se ficar e se entrega ao Grão-Sacerdote.

ATO IV

Cena I — Um saguão no palácio do Rei... à esquerda, um enorme portal dando para a sala subterrânea de justiça... uma passagem à direita dando para a prisão de Radamés.

Amneris está desesperada; sua rival fugiu e o objeto de sua paixão está em vias de ser julgado como traidor. Tristemente postada diante do portal, murmura *L'aborrita rivale a me sfuggia*...

"Se pelo menos êle me amasse!", exclama, "eu o salvaria". Resolve tentar, e o acusado é introduzido no recinto. Fazendo uso de todo o fascínio de sua beleza e da influência de qualquer temor que Radamés possa ter de seu poder, ela procura persuadi-lo de prometer jamais voltar a ver Aída. Êle recusa. A música atinge um clímax de majestosa e apaixonada beleza quando êle declara que a morte lhe será uma bênção, visto que morre por causa de Aída. O amor e a piedade de

Amneris se transformam em ódio e ela invoca os deuses; clamando por vingança.

Radamés é conduzido pelos guardas à Sala de Julgamento, enquanto Amneris, sôzinha, se entrega ao desespero ao ouvir proferida a sentença que ela mesma fêz cair sobre o homem a quem ama. *Ohimè, morir mi sento!* canta a desventurada princesa. Voltando-se, vê Ramfis e os sacerdotes entrando, solenemente, na Sala de Justiça, e grita: "Eis os fatais ministros da morte — que meus olhos nãoousem nesses fantasmas brancos!" Mas a lei é mais forte que o desejo de Amneris. Seu lamento e as vozes austeras de Ramfis e dos sacerdotes presidindo o julgamento na sala contígua, se combinam para produzir uma dupla atmosfera de trágico augúrio. Amneris, tormentada, cobre o rosto com as mãos; mas não pode deixar de ouvir as vozes terríveis dos acusadores de Radamés. Êste permanece calado. Finalmente, a voz de Ramfis pronuncia a sentença — ser enterrado vivo sob o templo dos deuses cujos atributos mais nobres — fé e justiça — Radamés vilipendiou. Os sacerdotes voltam à sala e se perfilam impassivelmente, diante dos olhos esgazeados de Amneris. Num paroxismo de ira e angústia, ela lhes grita: *Sacerdoti, compiste un delitto*, ao que os sacerdotes, austeramente, retrucam: "Ê um traidor, deve morrer!"

Cena II — A cena é dividida em dois planos. O superior representa o interior do Templo de Vulcano, resplendente de ouro e luz, onde os sacerdotes entoam suas intermináveis litânias; o inferior é uma cripta. Longas arcadas desaparecem na escuridão. Estátuas colossais de Osiris, divindade do mundo das sombras, de mãos cruzadas, sustentam os pilares da abóbada.

OS ARTISTAS

ZINKA MILANOV (Aída), principal soprano do Metropolitan Opera House, fêz suas estréias européia e americana no papel de Leonora, de *O Trovador*. A primeira ocorreu em Zagreb, em sua Iugoslávia natal; a última no Metropolitan durante a temporada de 1936-37. Desde então seus muitos papéis como soprano lírico principal no Metropolitan têm incluído os de Aída — com o qual ela abriu a temporada de 1951 — Santuzza, de *Cavalleria Rusticana*, Amelia, de *Um Baile de Máscaras*, Norma, da ópera do mesmo nome, Maddalena, de *Andrea Chénier*, e de *La Gioconda*.

JUSSI BJOERLING (Radamés) fêz sua estréia na Ópera de Estocolmo em 1930, e em 1935

Radamés se acha nos degraus da escadaria que conduz ao subterrâneo, e enquanto dois sacerdotes baixam a pedra sobre a abertura, êle expressa suas lamentações na ária *La fatal pietra*.

Seus pensamentos logo se voltam de seu triste destino para o de Aída e êle reza por sua felicidade. Fica aturdido ao julgar ver Aída na penumbra do túmulo. Não se engana, é ela! Diz a jovem ter vindo para partilhar de sua morte, a seu lado. Morto o pai, as tropas etíopes derrotadas, ela, qual animal ferido, arrastou-se até aqui, dominada pelo presentimento da sentença infligida a Radamés. Transtornado pelo pensamento de ter ela que enfrentar esta morte prematura, Radamés procura em vão remover a pesada laje que veda o túmulo. Canta *Morir! si pura e bella!* e Aída repete a melodia, referindo-se ao "Êxtase de um amor imortal".

Enquanto isso, os sacerdotes, no templo ao alto, proseguem em seus misteriosos ritos, entoando solenemente "Oh! poderoso Fthá".

Juntos, os namorados abandonam tôdas as esperanças de uma vida terrena e se unem no impressionante dueto *O terra addio*.

A melodia transcende a frases amplas e tranqüilas, que sugerem o infinito e a paz da eternidade. Amneris, arrependida e inconsolável, penetra no templo, em cima, para chorar e rezar sobre o túmulo de seu amado. Em baixo, na opressiva penumbra do túmulo, os namorados, entregues a um apaixonado amplexo final, cantam sua despedida à terra e aguardam a Eternidade.

aparecia no Covent Garden de Londres pela primeira vez. Dois anos depois estreava no Metropolitan de Nova York no papel de Rodolfo, de *A Boêmia*, e nessa casa de óperas vem êle atuando até hoje, vivendo personagens como Des Grieux, em *Manon Lescaut*, Turiddu, em *Cavalleria Rusticana*, Fausto, na ópera homônima, Romeu, em *Romeu e Julieta*, Ricardo, em *Um Baile de Máscaras*, e Manrico, em *O Trovador*.

BORIS CHRISTOFF (Ramfis) fêz sua estréia operística em Roma, tendo sido convidado para integrar o quadro de artistas da Ópera de Roma e do Scala. Cantou no Festival de Florença, no Covent Garden, no Scala, na Ópera de Roma e na Ópera de Veneza e ganhou grande

proeminência com a interpretação de personagens como Boris Godounoff, Rocco (*Fidelio*), Rei Henrique (*Lohengrin*), Timur (*Turandot*), Mefistófeles (*Fausto*), Oroveso (*Norma*) e Rei Felipe (*Don Carlo*).

FEDORA BARBIERI (Amneris) estreou no Teatro Comunale de Florença com a idade de 22 anos. Posteriormente transferiu-se para o Scala, onde se apresentou durante cinco anos. Em 1950 apareceu pela primeira vez no Metropolitan de Nova York, em *Don Carlo*, e um mês depois cantava o papel de Azucena em *O Trovador* diante de um público e uma crítica dos mais en-

tusiásticos. Apareceu também em *Aida*, *Norma* e *Cavalleria Rusticana*.

LEONARD WARREN (Amonasro) estreou no Metropolitan Opera House na temporada de 1938-39 no papel de Paolo em *Simon Boccanegra*, após sensacional audição sem antes ter sido qualquer experiência no palco de operas. Tem aparecido, desde então, em papéis principais nesse teatro, tais como os de Rigoletto, Tonio (*Os Palhaços*), Iago (*Otello*), Falstaff, Ford (*Falstaff*), Conde di Luna, (*O Trovador*), Henry Ashton (*Lucia di Lammermoor*), Renato (*Um Baile de Máscaras*) e Barnabás (*A Gioconda*).

E. B.



ATO I

CENA I

UM SAGUÃO DO PALÁCIO DO REI MÊNFI

A direita e à esquerda, uma colunada com estátuas e florescentes arbustos; ao fundo um imenso pórtico, de onde se vêem os templos e palácios de Mênfis e as Pirâmides.

(RADAMÉS e RAMFIS confabulam)

RAMFIS

Sí: corre voce che l'Etiópe ardisca
Sfidarci ancora, e del Nilo la valle
E Tebe minacciar — Fra breve un messo
Recherà il ver.

RADAMÉS

La sacra
Iside consultasti?

RAMFIS

Ella ha nomato
Dell' Egizie falangi
Il condottier supremo.

RADAMÉS

Oh lui felice!

RAMFIS

(Olhando significativamente para RADAMÉS)

Giovane e prode è desso — Ora, del Nume
Reco i decreti al Re.

(Saem)

RADAMÉS

Se quel guerriero
Io fossi! se il mio sogno
Si avverasse!... Un esercito di prodi
Da me guidato... e la vittoria... e il
plauso
Di Menfi tutta! — E a te, mia dolce Aída
Tornar di lauri cinto...
Dirti: per te ho pugnato, per te ho vinto!
Celeste Aída, forma divina,
Mistico serto di luce e fior,
Del mio pensiero tu sei regina,
Tu di mia vita sei lo splendor,
Il tuo bel cielo vorrei ridarti,
Le dolci brezze del patria suol,
Un regal serto sul crin posarti,
Ergerti un trono vicino al sol, ah!

Celeste Aída, forma divina,
Mistico raggio di luce e fior;
Del mio pensiero tu sei regina,
Tu di mia vita sei lo splendor,
Il tuo bel cielo vorrei ridarti;
Le dolci brezze del patria suol;
Un regal serto sul crin posarti,
Ergerti un trono vicino al sol,
Un trono vicino al sol, un trono vicino
al sol.

(Entra AMNERIS)

AMNERIS

Quale insolita gioia
Nel tuo sguardo! Di quale
Nobil fierezza ti balena il volto!
Degna d'invidia oh! quanto
Saria la donna il cui bramato aspetto
Tanta luce di gaudio in te destasse!

RADAMÉS

D'un sogno avventuroso
Si beava il mio cuore — Oggi, la diva
Profferse il nome del guerrier che al
campo
Le schiere Egizie condurrà... Ah! s'io fossi
A tal onor prescelto...

AMNERIS

Nè un altro sogno mai
Più gentil... più soave...
Al cuore ti parlò?... Non hai tu in Menfi
Desiderii... speranze?

RADAMÉS

(à parte)
Io!... Quale inchiesta!
Forse... l'arcano amore
Scoprì che m'arde in core...

AMNERIS

(à parte)
Oh! guai se un altro amore
Ardesse a lui nel core!...

RADAMÉS

Della sua schiava il nome
Mi lesse nel pensier!

AMNERIS

(à parte e com RADAMÉS)

Guai se il mio sguardo penetra
Questo fatal mister!

(Entra AÍDA)

RADAMÉS

(Vendo AÍDA)

Dessa!

AMNERIS

(à parte — observando)

Ei si turba... e quale
Sguardo rivolse a lei!
Aída!... a me rivale...
Forse saria costei?

(Voltando-se para AÍDA)

Vieni, o diletta appressati
Schiava non sei ne ancella,
Qui dove in dolce fascino
Io ti chiamai sorella...
Piangi?

Delle tue lacrime svela il segreto, svela il
segreto a me.

AÍDA

Ohimè di guerra fremere l'atroce grido io
sento...

Per l'infelice patria, per me, per voi
pavento.

AMNERIS

Favelli, il ver? nè s'agita più grave cura
in te?

(AÍDA baixa os olhos e procura esconder a emoção)

(à parte — olhando para AÍDA)

Trema, o rea schiava,

Ah! trema, rea schiava, trema,

Ch'io nel tuo cor discenda!

Trema che il ver m'apprenda quel pianto
e quel rosor.

RADAMÉS

(à parte — olhando para AMNERIS)

Nel volto a lei balena

Lo sdegno ed il sospetto...

Guai se l'arcano affetto

A noi leggesse in core!

AÍDA

(à parte)

Ah! no, sulla mia patria, non geme il cor,
il cor soltanto;

Quello ch'io verso è pianto,

E pianto, pianto di sventurato amor!

(Entra o REI, precedido por seus guardas e seguido
por RAMFIS, seus Ministros Sacerdotes, Capitães,
etc.)

REI

Alta cagion v'aduna,

O fidi Egizii, al vostro Re d'intorno.

Dal confin d'Etiópia un Messaggiero

Dianzi giungea — gravi novelle ei reca...

Vi piaccia udirlo...

(à um oficial)

Il Messaggier s'avanzì!

MENSAGEIRO

Il sacro suolo dell' Egitto è invaso

Dai barbari Etiópe — i nostri campi

Fur devastati... arse le messi... e baldi

Della facil vittoria i predatori

Già marciano su Tebe...

TODOS

Ed osan tanto!

MENSAGEIRO

Un guerriero indomabile, feroce,

Li conduce — Amonasro.

TODOS

Il Re!

AÍDA

(à parte)

Mio padre!

MENSAGEIRO

Già Tebe è in armi e dalle cento porte

Sul barbaro invasore

Proromperà, guerra recando e morte.

REI

Si: guerra e morte il nostro grido sia.

TODOS

Guerra! guerra!

Tramenda, inesorata...

REI

(Dirigindo-se a RADAMÉS)

Iside venerata

Di nostre schiere invitte

Già designava il condottier supremo:

Radamés.

TODOS

Radamés.

RADAMÉS

Sien grazie ai Numi!

I miei voti fur paghi.

AMNERIS

(à parte)

Ei duce!

AÍDA

(à parte)

Io tremo!

REI

Or, di Vulcano al tempio

Muovi, o guerrier — le sacre

Armi ti cingi e alla vittoria vola.

Su! del Nilo al sacro lido

Accorrete, Egizii eroi;

Da ogni cor prorompa il grido.

Guerra e morte allo stranier!

RAMFIS

Gloria ai Numi! ognun rammenti

Ch'essi reggono gli eventi —

Che in poter de' Numi solo

Stan le sorti... del guerrier.

MINISTROS E CAPITÄES

Su! del Nilo al sacro lido

Sien barriera i nostri petti;

Non echeggi che un sol grido:

Guerra e morte allo stranier!

AÍDA

(à parte)

Per chi piango? per chi prego?...
Qual poter m'avvince a lui!

Deggio amarlo... ed è costui...

Un nemico... uno stranier!

RADAMÉS

Sacro fremito di gloria

Tutta l'anima mi investe

Su! corriamo alla vittoria!

Guerra e morte allo stranier!

AMNERIS

Di mia man ricevi, o duce,

Il vessillo glorioso:

Ti sia guida, ti sia luce

Della gloria sul sentier.

TODOS

Guerra! guerra! sterminio all' invasor!

Va, Radamés, ritorna vincitor!

(Saem todos, exceto AÍDA)

AÍDA

Ritorna vincitor!... E dal mio labbro

Uscì l'empia parola! — Vincitor

Del padre mio... di lui che impugna

l'armi

Per me... per ridonarmi

Una patria, una reggia e il nome illustre

Che qui celar m'è forza! — Vincitor

De' miei fratelli... ond' io lo vegga, tinto

Del sangue amato, trionfar nel plauso

Dell' Egizie coorti!... E dietro il carro,

Un Re... mio padre... di catene av-

vinto!...

L'insana parola,

O Numi, sperdetel!

Al seno d'un padre

La figlia rendete;

Struggete le squadre

Dei nostri oppressor!

Ah!... Sventurata! che dissi?... e

l'amor mio?...

Dunque scordar poss'io

Questo fervido amor che, oppressa e

schiava,

Come raggio di sol... qui mi beava?

Imprecherò la morte

A Radamés... a lui ch'amo pur tanto!

Ah!... non fu in terra mai

Da più crudeli angoscie un core affranto!

I sacri nomi di padre... d'amante

Nè profferir poss'io nè ricordar...

Per l'un... per l'altro... confusa...

tremante...

Io piangere vorrei... vorrei pregar.

Ma la mia prece inbestemmia si muta...

Delitto è il pianto a me... Colpa il

sospir...

In notte cupa la mente è perduta...

E nell' ansia crudel vorrei morir.

Numi, pietà del mio soffrir! Speme non
v'ha pel mio dolor.
Amor fatal, tremendo amor spezza mi il
cor... fammi morir!
Numi, pietà, del mio soffrir,
Ah! pietà, Numi, pietà, del mio soffrir,
ah...
Numi, pietà del mio soffrir, pietà, pietà,
del mio soffrir!

CENA II

INTERIOR DO TEMPLO DE VULCANO EM MÊNFI

De cima vem uma luz misteriosa... uma extensa fileira
de colunas, que se perde na escuridão... imagens de
várias divindades... no meio do palco, por sobre uma
plataforma atapetada, ergue-se o altar, guarnecido de
emblemas sagrados. De tripodes dourados eleva-se a
fumaça do incenso...

SACERDOTISAS

(No interior)
Possente, possente Fthà... del mondo
Spirito animator, ah...
Noi t'invochiamo!
Immenso, immenso Fthà, del mondo
Spirito fecondator, ah...
Noi t'invochiamo!
Fuoco increato, eterno...
Onde ebbe luce il sol, ah...
Noi t'invochiamo!

RAMFIS E SACERDOTES

Tu che dal nulla hai tratto
L'onde, la terra, il ciel,
Noi t'invochiamo!
Nume che del tuo spirito
Sei figlio e genitor
Noi t'invochiamo!
Vita dell' Universo,
Mito d'eterno amor,
Noi t'invochiamo!

(Dança Sagrada das Sacerdotisas. Desarmado, RA-
DAMÉS entra e sobe até o altar. Um véu prateado
é pôsto na cabeça de RADAMÉS).

SACERDOTES E SACERDOTISAS

(No interior)
Immenso Fthà... Noi t'invochiamo!

RAMFIS

(à RADAMÉS)
Mortal, diletto ai Numi — A te fidate
Son d'Egitto le sorti, — Il sacro brando
Dal Dio temprato, per tua man diventi
Ai nemici terror, folgore, morte.
(Voltando-se para o Deus)
Nume, custode e vindice
Di questa sacra terra,
La mano tua distendi
Sovra, sopra l'Egizio suol.

RADAMÉS

Nume, che duce ed arbitro
Sei d'ogni umana guerra,
Proteggi tu, difendi
D'Egitto il sacro suol!
(Enquanto RADAMÉS é investido da sagrada hon-
raria, os SACERDOTES e SACERDOTISAS repetem
o hino sagrado e a dança mística).

ATO II

CENA I

UMA SALA NOS APOSENTOS DE AMNERIS

AMNERIS, cercada por escravas, que a preparam para o
festim da vitória; dos tripodes emanam vapores perfuma-
dos; jovens eunucos mouros movem enormes leques de
penas.

ES CRAVAS

Chi mai... fra gl'inni e i plausi
Erge alla gloria il vol,
Al par... d'un Dio terribile,
Fulgente al par del sol?
Vieni: sul crin ti piovano
Contesti ai lauri, i fior;
Suonin di gloria i cantic!
Coi cantic d'amor.

AMNERIS

(Consigno)
Ah! Vieni, amor mio, m'inebria...
Fammi beato il cor!

ES CRAVAS

Or dove son le barbare
Orde dello stranier?
Siccome nebbia sparvero
Al soffio del guerrier.
Vieni: di gloria il premio
Raccogli, o vincitor;
T'arrise la vittoria,
T'arriderà l'amor.

AMNERIS

(Consigno)
Ah! Vieni, amor mio, rattivami
D'um caro accento ancor!
(Dança dos Escravos Mouros.)
Silenzio! Aída verso noi s'avanza...
Figlia dei vinti, il suo dolor m'è sacro.
(A um sinal de Amneris os Escravos e Escravas se
retiram.)
(Entra AÍDA)
Nel rivederla, il dubbio
Atroce in me si desta...
Il mistero fatal si squarci alfine!
(à AÍDA, com fingida afeição)
Fu la sorte dell' armi a' tuoi funesta,
Povera Aída! Il lutto
Che ti pesa sul cor teco divido.
Id son l'amica tua...
Tutto da me tu avrai — vivrai... felice!

AÍDA

Felice esser poss'io
Lungi dal suol natio... qui dove ignota
M'è la sorte del padre e dei fratelli?

AMNERIS

Ben ti compiango! pure hanno un confine
I mali di quaggiù... Sanerà il tempo
Le angoscie del tuo core...
E più che il tempo, un Dio possente...
Amore.

AÍDA

(emocionada)
Amore, amore! gaudio... tormento...
Soave ebbrezza, ansia crudel!
Ne' tuoi dolori la vita io sento...
Un tuo sorriso mi schiude il ciel,
Ne' tuoi dolori la vita io sento
Un tuo sorriso mi schiude il ciel.

AMNERIS

(à parte)
Ah! quel pallore quel turbamento
Svelan l'arcana febbre d'amor!...
D'interrogarla
Quasi hò sgomento,
Divido l'ansie del suo terror.
(olhando-a fixamente)
Ebben: qual nuovo fermito t'assal, gentil
Aída?
I tuoi segreti svelami,
All' amor mio, all' amor mio t'affida,
Tra i forti che pugnarono della tuo
patria a danno,
Qualcuno... un dolce affanno forse a te
in cor destò?...

AÍDA

Che parli?

AMNERIS

A tutti barbara non si mostrò la sorte...
Se in campo il duce impavido cadde
trafitto a morte.

AÍDA

Che mai disceti! misera! misera!

AMNERIS

Radamès da' tuoi fu spento... E
Pianger puoi?...

AÍDA

Per sempre io piangerò!

AMNERIS

Gli Dei t'han vendicata...

AÍDA

Avversi sempre a me furo i Numi...

AMNERIS

(num arroubo de violência)
Trema! in cor ti lessi tu l'ami!

AÍDA

Io!

AMNERIS

Non mentire! Un detto ancora e il vero
saprò...
Fissa mi in volto io t'ingannava...
Radamès vive!

AÍDA

(ajoelrando-se empolgada)
Vive! ah grazie, o Numi!

AMNERIS

E ancor mentir tu sperì?
Sì tu l'ami... Ma l'amo anch'io intendi
tu?
Son tua rivalle figlia de' Faraoni.

AÍDA

(erguendo-se, cheia de orgulho)

Mia rivale! ebben sia pure... Anch'io
son tal.
Ah! Che dissi mai? pietà! perdonò! Ah!
(soluçando e tombando aos pés de AMNERIS)
Pietà! ti prenda del mio dolor!
E vero, io l'amo d'immenso amor.
Tu sei felice, tu sei possente... io vivo
solo per questo amor!

AMNERIS

Trema, vil schiava! spezza il tuo
core!...
Segnar tua morte, può quest' amore...
Del tuo destino arbitra sono, d'odio e
vendetta le furie ho in cor.
(Sons que se fazem ouvir ao longe.)
Alla pompa che s'appresta,
Meco, o schiava, assisterai;
Tu prostrata nella polvere...
Io sul trono, accanto al Re.

POVO

Su! del Nilo al sacro lido
Sien barriera i nostri petti;
Non eccheggi che un sol grido:
Guerra, guerra e morte allo stranier!

AÍDA

Ah! pietà!... che piú mi resta?
Un deserto è la mia vita;
Vivi e regna, il tuo furore
Io tra breve placherò.
Quest' amore che t'irrita
Nella tomba spegnerò.

AMNERIS

Vien... mi segui... apprenderai
Se lottar tu puoi con me.

AÍDA

Numi, pietà del mio martir,
Spemi non v'ha, pel mio dolor
Numi, pietà del mi soffrir,
Numi, pietà! pietà! pietà!

CENA II

Uma avenida que leva à cidade de Tebas

Em primeiro plano, palmeiras. A direita, um templo dedicado a Ammon. A esquerda, um trono com um pálio púrpura. Ao fundo, um arco de triunfo.

Uma multidão enche o cenário.
Entra o REI, seguido pelos Dignatários, Sacerdotes, Capitães, Porta-Leques e Porta-Estandartes. Depois AMNERIS com AÍDA e Escravos. O REI se senta no trono e AMNERIS à sua esquerda.

POVO

Gloria all' Egitto e ad Iside
Che il sacro suol protegge!
Al Re che il Delta regge
Inni festosi alziam!
Gloria! Gloria! Gloria!

MULHERES

S'intrecci il loto al lauro
Sul crin dei vincitori;
Nembo gentil di fiori
Stenda sull' armi un vel.
Danziam, fanciulle Egizie,
Le mistiche carole,
Come d'intorno al sole
Danzano gli astri in ciel!

SACERDOTES

Della vittoria agl' arbitri
Supremi il guardo ergete,
Grazie agli Dei rendete
Nel fortunato di.

(Precedidas por trombetas, as tropas egípcias desfilam perante o REI. Aparece um grupo de dançarinas, trazendo os espólios de guerra.
Chegam outras tropas, precedidas de carros de guerra, estandartes, vasos sagrados e imagens de deuses).

POVO

Vieni, o guerriero vindice,
Vieni a gioir con noi;
Sul passo degli eroi,
I lauri, i fior versiam!
(Entra RADAMÉS, sob um pálio carregado por doze oficiais.)

REI

(Desce do Trono para abraçar RADAMÉS)

Salvator della patria, io ti saluto.
Vieni, e mia figlia di sua man ti porga
Il serto trionfale.
(RADAMÉS se curva perante AMNERIS, que lhe entrega a coroa).
(a RADAMÉS)
Ora a me chiedi
Quanto piú brami. Nulla a te negato
Sarà in tal di — lo giuro
Per la corona mia pei sacri Numi.

RADAMÉS

Concedi in pria che innanzi a te sien tratti
I prigionier...
(Entram Prisioneiros Etíopes, rodeados por guardas. AMONASRO por último, nos trajes de oficial.)

RAMFIS E SACERDOTES

Grazie agli Dei, grazie rendete nel fortuna-
to dí,
Grazie, grazie agli Dei.

AÍDA

Che veggo?... Egli?... mio padre!
(Abraçando o pai)

TODOS

Suo padre!

AMNERIS

In poter nostrò!...

AÍDA

Tu Prigionier!
(cochichando a AÍDA)

AMONASRO

Non mi tradir!

REI

(a AMONASRO)
T'apressa...
Dunque... tu sei?...

AMONASRO

Suo padre — Anch'io pugnai...

Vinti noi fummo... morte invancerai.
(apontando o uniforme que usa)
Quest' assisa ch'io vesto vi dica
Che il mio Re, la mia patria ho difeso;
Fu la sorte a nostr' armi nemica...
Tornò vano de' forti l'ardir.
Al mio piè nella polve disteso
Giacque il Re da piú coloi traffito;
Giacque il Re da piú copi traffito;
Se l'amor della patria e delitto
Siam rei tutti, siam pronti a morir!
Ma tu, Re, tu signore possente,
A costoro ti volgi clemente...
Oggi noi siam percossi dal fato, ah!
Doman voi potria il fato colpir.

AÍDA PRISIONEIRO E ESCRAVAS

Sì, dai Numi percossi noi siamo;
Tua pietà, tua clemenza imploriamo!
Ah! giammai di soffrir vi sia dato
Ciò che in oggi n'è dato soffrir!

RAMFIS E SACERDOTES

Struggi, o Re, queste ciurme feroci,
Chiudi il cor alle perfide voci;
Fur dai Numi volati alla morte,
Or de' Numi si compia il voler!

POVO

Sacerdoti, gli sdegni placate,
L'umil prece de' vinti ascoltate;
E tu, o Re, tu possente, u forte,
A clemenza dischiudi il pensier.

REI

Or che fausti ne arridon gli eventi
A costoro mostriamci clementi:
La pietà sale ai Numi gradita
E rafferma de' Prenci il poter.

AMNERIS

Quali sguardi sovr' essa ha rivolti!
Di qual fiamma balenano i volti!
Ed io sola, avvilita rejeta...
La vendetta mi rugge nel cor.

RADAMÉS

(à parte — fixando o olhar em AÍDA)
Il dolor che in quel volto favella
Al mio sguardo la rende piú bella;

Ogni stilla del pianto adorato
Nel mio patto ravniva l'amor.

(ao REI)

O Re: pei sacri Numi,
Per lo splendore della tua corona.
Compier giurasti il voto mio...

REI

Giurai.

RADAMÉS

Ebbene; a te pei prigionieri Etiópi
Vita domando e libertà.

AMNERIS

(à parte)

Per tutti!

SACERDOTES

Morte ai nemici della patria!

POVO

Grazia

Per gl'infelici!

RAMFIS

Ascolta, o Re —

(à RADAMÉS)

Tu pure

Giovine eroe, saggio consiglio ascolta

Son nemici e prodi sono...

La vendetta hanno nel cor,

Fatti audaci dal perdono

Correranno all' armi ancor!

RADAMÉS

Spento Amonasro il re guerrier, non resta

Speranza ai vinti.

RAMFIS

Almeno,

Arra di pace e securtà fra noi

Resti col padre Aída...

REI

Al tuo consiglio io cedo.

Di securtà, di pace um miglior pegno

Or io vo' darvi — Radamés, la patria

Tutto a te deve — D'Amneris la mano

Premio ti sia. Sovra l'Egitto un giorno

Con essa regnerai...

AMNERIS

(à parte)

Venga la schiava,

Venga a rapirmi l'amor mio... se l'osa!

REI

Gloria all' Egitto e ad Iside
Che il sacro suol difende,
S'intrecci il loto al lauro
Sul crin del vincitor!

PRISIONEIRO

Gloria al clemente Egizio
Che i nostri ceppi ha sciolto,
Che ci ridona ai liberi
Solchi del patrio suol!

RAMFIS E SACERDOTES

Inni leviamo ad Iside
Che il sacro suol difende;
Pregiam che i fati arridano
Fausti alla patria ognor.

AÍDA

(à parte)

Qual speme omai piú restami?
A lui la gloria e il trono...
A me l'oblio... le lacrime
Di disperato amor.

RADAMÉS

(à parte)

D'avverso Nume il folgore
Sul capo mio discende...
Ah no! d'Egitto il soglio
Non val d'Aída il cor.

AMNERIS

(à parte)

Dall' inatteso giubilo
Inebbriata io sono:
Tutti in un dí si compiono
I sogni del mio cor.

AMONASRO

(à AÍDA)

Fa cor: della tua patria
I lieti eventi aspetta;
Per noi della vendetta
Già prossimo è l'albor.

POVO

Gloria all' Egitto gloria ad Iside
Che il sacro suol difende!
S'intrecci il loto al lauro
Sul crin del vincitor!

ATO III

MARGENS DO NILO

(dentro do templo)

Rochedos de granito cercado de palmeiras... ao alto,
um templo dedicado a Isis, semi-oculto na folhagem...
Noite... brilham as estrêlas e a Lua.

SACERDOTES E SACERDOTISAS

O tu che sei d'Osiride
Madre immortale e sposa,
Diva che i casti palpiti
Desti agli umani in cor;
Soccorri a noi pietosa,
Madre d'immenso amor.

(De um barco descem AMNERIS e RAMFIS, acompanhados de algumas Mulheres, ocultas em véus; Guardas).

RAMFIS

(a AMNERIS)

Vieni d'Iside al Tempio — alla vigilia
Della tue nozze invoca
Della Diva il favore — Iside legge
Dei mortali nel core — ogni mistero
Degli umani a lei noto.

AMNERIS

Sí: io pregherò che Radamés mi doni
Tutto il suo cor, come il mio core a lui
Sacro è per sempre.

RAMFIS

Andiamo. Pregherai fino all' alba — io
sarò teo.

(Entram todos no templo.)

SACERDOTES E SACERDOTISAS

Soccorri a noi pietosa,
Madre d'immenso amor.

AÍDA

(Velada, entra cautelosamente.)

Qui Radamés verrà... Che vorrà dirmi?
Io tremo... Ah! se tu vieni
A recarmi, o crudel, l'ultimo addio,
Del Nilo i cupi vortici
Mi daran tomba... e pace forse... e
oblio.

Oh patria mia, mai piú ti rivedrò!
O cieli azzurri, o dolci aure native,
Dove sereno il mio mattin brillò,
O verde colli... o profumate rive,
Oh patria mia, mai più ti rivedrò!

O fresche valli, o questo asil beato,
Che un dí promesso dall' amor mi fú,
Or che d'amore il sogno è dileguato,
Oh patria mia, non ti vedrò mai piú!

(Entra AMONASRO)

Cielo! mio padre!

AMONASRO

A te grave cagione
Mi adduce, Aída. Nulla sfugge al mio
Sguardo — D'amor ti struggi
Per Radamés... ei t'ama... e qui lo
attendi,
Dei Faraon la figlia è tua rivale...
Razza infame, aborrita e a noi fatale!

AÍDA

E in suo potere io sto!... lo d'Amonasro
Figlia!...

AMONASRO

In poter di lei!... No!... se lo brami
La possente rival tu vincerai,
E patria, e trono, e amor, tutto avrai.
Rivedrai le foreste imbalsamate,
Le fresche valli, i nostri tempii, dor!...

AÍDA

(extasiada)

Rivedrò le foreste imbalsamate!...
Le fresche valli... i nostri tempii d'ôr!...

AMONASRO

Sposa felice a lui che amasti tanto,
Tripudii immensi ivi potrai gioir...

AÍDA

(extasiada)

Un giorno solo di sí dolce incanto.
Un' ora di gaudio... e poi morir!

AMONASRO

Pur rammenti che a noi l'Egizio immite,
Le case, i tempii e l'are profanò...
Trasse in ceppi le vergini rapite...
Madri, vecchi... fanciulli ei trucidò.

AÍDA

Ah! ben rammento quegli' infausti giorni!
Rammento i lutti che il mio cor soffrì...
Deh! fate o Numi, che per noi ritorni
L'alba invocata de' sereni dí.

AMONASRO

Non fia che tardi — In armi ora si desta

Il popol nostro — tutto è pronto già...
Vittoria avrem... Solo a saper mi resta
Qual sentier il nemico seguirà...

AIDA

Chi scoprirlo potria? chi mai?

AMONASRO

Tu stessal

AIDA

Iol...

AMONASRO

Radamés so che qui attendi... Ei t'ama...
Ei conduce gli Egizii... Intendi?

AIDA

Orrorel

Che mi consigli tu? No! no! giammail

AMONASRO

(Num impeto de cólera)

Su, dunquel sorgete

Egizie coortil

Col fuoco struggete

Le nostre città...

Spargete il terrore,

Le stragi, le morti...

Al vostro furore

Piú freno non v'ha.

AIDA

Ah! padrel

AMONASRO

(repelindo-a)

Mia figlia

Ti chiamil...

AIDA

(assustada e suplicante)

Pietà!

AMONASRO

Flutti di sangue scorrono

Sulle città dei vinti...

Vedi?... dai negri vortici

Si levano gli estinti...

Ti additan essi e gridano:

“Per te la patria muor.”

AIDA

Pietà! Pietà! Padre pietà!

AMONASRO

Una larva orribile

Fra l'ombre a noi s'affaccia...

Trema! le scarne braccia
Sul capo tuo levò...
Tua madre ell' è... ravvisala...
Ti maledice...

AIDA

(aterrorizada ao extremo)

Ah! no!... Ah! no!...

Padre, pietà!

AMONASRO

(repelindo-a)

Va, indegna! non sei mia figlia!

Dei Faraoni tu sei la schiava.

AIDA

(soltando um grito)

Ah! Pietà!

(arrastando-se aos pés do genitor)

Padre, a costoro schiava io non sono...

Non maledirmi... non imprearmi...

Ancor tua figlia potrai chiamarmi...

Della mia patria degna sarò.

AMONASRO

Pensa che un popolo vinto, straziato

Per te soltanto risorger può...

AIDA

O patria! o patria... quanto mi costi!

AMONASRO

Corraggio! ei giunge... là tutto udrò...

(oculta-se por entre as palmeiras)

(Entra RADAMÉS)

RADAMÉS

Pur ti riveggo, mia dolce Aída...

AIDA

T'arresta, vanne... che sperì ancor?

RADAMÉS

A te dappresso l'amor mi guida.

AIDA

Te i riti attendono d'un altro amor.

D'Amneris sposo...

RADAMÉS

Che parli mai?

Te sola, Aída, te deggio amar.

Gli Dei m'ascoltano... tu mia sarai...

AIDA

D'uno spergiuro non ti machiar!

Prode t'amai, non t'amerei spergiuro.

RADAMÉS

Dell' amor mio dubiti, Aída?

AIDA

E come

Speri sottrarti d'Amneris ai vezzi,

Del Re al voler, del tuo popolo ai voti,

Dei sacerdoti all' ira?

RADAMÉS

Odimi, Aída.

Nel fiero anelito di nuova guerra

Il suolo Etiópe si ridestò...

I tuoi già invadono la nostra terra,

Io degli Egizii duce sarò.

Fra il suon, fra i plausi della vittoria,

Al re mi prostro, gli svelo il cor...

Sarai tu il serto della mia gloria,

Vivrem beati d'eterno amore.

AIDA

Nè d'Amneris paventi

Il vindice furor? la sua vendetta,

Come folgor tremenda

Cadrà su me, sul padre mio, su tutti.

RADAMÉS

Io vi difendo.

AIDA

Invan! tu nol potresti...

Pur... se tu m'ami... ancor s'apre una
via

Di scampo a noi...

RADAMÉS

Quale?

AIDA

Fuggir...

RADAMÉS

Fuggire!

AIDA

(num arroubo de paixão)

Fuggiam gli ardori inospiti!

Di queste lande ignude;

Una novella patria,

Al nostro amor si schiude...

Là... tra foreste vergini,

Di fiori profumate,

In estasi beate la terra scorderem.

RADAMÉS

Sovra una terra estrania teco fuggir
dovrei!

Abbandonar la patria, l'are de' nostri Dei!

Il suol dov' io raccolsi di gloria i primi
allori;

Il ciel de nostri amori come scordar potrem?

AIDA

Sotto il mio ciel, più libero l'amor ne fia
concesso;

Ivi nel tempio i stesso gli stessi Numi

avrem,

Fuggiam, fuggiam!

RADAMÉS

(hesitando)

Aída!

AIDA

Tu non m'ami... Va! --

RADAMÉS

Non t'amo!

Mortal giammai nè Dio

Arse d'amor al par del mio possente.

AIDA

Va... va... t'attende all' ara

Amneris...

RADAMÉS

No!... giammai!...

AIDA

Giammai, dicesti?

Allor piombi la scure

Su me, sul padre mio...

RADAMÉS

Ah no! fuggiamo!

(Com apaixonada resolução)

Sì: fuggiamo da queste mura,

Al deserto insiem fuggiamo;

Qui sol regna la sventura,

Là si schiude un ciel d'amor.

I deserti interminati

A noi talamo saranno,

Su noi gli astri brilleranno

Di più limpido fulgor.

AIDA

Nella terra avventurata

ATO IV

CENA I

UM SAGUÃO DO PALÁCIO DO REI

A esquerda, um enorme portal dando para a sala subterrânea de justiça... Uma passagem à direita dando para a prisão de RADAMÉS

AMNERIS

(Tristemente acocorada diante do portal)

L'abborrita rivale a mé sfuggia...
Dai sacerdoti Radamés attende
Dei traitor la pena, — Traditor
Egli non è... Pur rivelò di guerra
L'alto segreto... egli fuggir volea...
Con lei fuggire... Traditori tuttil
A morte! A morte... Oh! che mai parlo?
Io l'amo,
Lo l'amo sempre... Disperato, insano
È quest' amor che la mia vita strugge.
Oh! s'ei potesse amarmi!...
Vorrei salvarlo... E come?
Si tentil... Guardie... Radamés qui
venga

RADAMÉS levado por Guardas)

Già sacerdoti adunansi
Arbitri del tuo fato;
Pur dell' acusa orribile
Scolparti ancor t'è dato:
Ti scolpa, e la tua grazia
Io pregherò dal trono,
E nunzia di perdono,
Di vita a te sarò.

RADAMÉS

Di mie discolpe i giudici
Mai non udran l'accento;
Dinanzi ai Numi, agl' uomini
Nè vil, nè reo mi sento.
Profferse il labbro incauto
Fatal segreto, è vero,
Ma puro il mio pensiero
E l'onor mio restò.

AMNERIS

Salvati dunque e scolpati.

RADAMÉS

No.

AMNERIS

Tu morrai...

RADAMÉS

La vita

Abborro; d'ogni gaudio

La fonte inaridita,

Svanita ogni speranza,

Sol bramo di morir

AMNERIS

Morire!

Ah!... tu dei vivere!...

Sì all' amor mio vivrai;

Per te le angoscie orribili

Di morte io già provai;

T'amai... soffersi tanto...

Vegliai le notti in pianto...

E patria, e trono, e vita

Tutto darei per te.

RADAMÉS

Per essa anch'io la patria

E l'onor mio tradia...

AMNERIS

Di lei non più!...

RADAMÉS

L'infamia

M'attende e vuoi ch'io viva?...

Misero appien mi festi,

Aída a me togliesti,

Spenta l'hai forse... e in dono

Offri la vita a me?

AMNERIS

Io... di sua morte origine!

No!... vive Aída!...

RADAMÉS

Vive!

AMNERIS

Nei disperati aneliti

Dell' orde fuggitive

Sol cadde il padre...

RADAMÉS

Ed ella?

De' miei padri, il ciel ne attende;

Ivi l'aura è imbalsamata,

Ivi il suolo è aromi e fior.

Fresche valli e verdi prati

A noi talamo saranno.

Su noi gli astri brilleranno

Di più limpido fulgor.

AÍDA E RADAMÉS

Vieni meco — insiem fuggiamo

Questa terra di dolor —

Vieni meco — io t'amo, io t'amo!

A noi duce fia l'amor!

(Vão fugindo cèleramente quando, sùbitamente,
AÍDA para).

AÍDA

Ma, dimmi; per qual via

Eviterem le schiere

Degli armati?

RADAMÉS

Il sentier scelto dai nostri

A piombar sul nemico fia deserto

Fino a domani...

AÍDA

E quel sentier?...

RADAMÉS

Le gole

Di Nápata!

(AMONASRO surge de seu esconderijo)

AMONASRO

Di Nápata!

Ivi saranno i miei...

RADAMÉS

Oh! chi ci ascolta?

AMONASRO

D'Aída il padre e degli Etiópi il Re.

RADAMÉS

(Tomado de surprêsa)

Tu! Amonasro!... Tu il Re?

Numi che dissì?

No!... non è ver!... sogno... delirio

è questo...

AÍDA

Ah, no! ti calma... ascoltami,

All. amor mio t'affida.

AMONASRO

A e l'amor d'Aída

Un soglio innalzerà!

RADAMÉS

Per te tradii la patria!

Io son disonorato...

AMONASRO

No: tu non sei colpevole

Era voler del fato.

Vien: oltre il Nil ne attendono

I prodi a noi devoti,

Là del tuo cor i voti

Coronerà l'amor.

(Arrastando RADAMÉS)

AMNERIS

(Do templo)

Traditor!

AÍDA

La mia rival!...

AMONASRO

(Investindo contra AMNERIS, com um punhal)

L'opre mia a frugger vienil

Muori!

RADAMÉS

(Langando-se entre os dois)

Arresta, insano!...

AMONASRO

Oh rabbia!

RAMFIS

Guardie, olà!

RADAMÉS

(a AÍDA e AMONASRO)

Presto! fuggite!...

AMONASRO

(Puxando AÍDA)

Vieni, o figlia!...

RAMFIS

(Aos Guardas)

L'inseguite!

RADAMÉS

(a RAMFIS)

Sacerdote, io resto a te.

AMNERIS
Sparve, nè più novella
S'ebbe...
RADAMÉS
Gli Dei l'adducano
Salva alle patrie mura,
E ignori la sventura
Di chi per lei morrà!
AMNERIS
Ma, s'io ti salvo, giurami
Che più non la vedrai...
RADAMÉS
Nol posso!
AMNERIS
A lei rinunzia
Per sempre... e tu vivrai!...
RADAMÉS
Nol posso!
AMNERIS
Anco una volta
A lei rinunzia...
RADAMÉS
E vano...
AMNERIS
Morir vuoi dunque, insano?
RADAMÉS
Pronto a morir son già.
AMNERIS
Chi ti salva, sciagurato,
Dalla sorte che t'aspetta?
In furore hai tu cangiato
Un amor ch' equal non ha.
De' miei pianti la vendetta
Or dal ciel si compirà.
RADAMÉS
È la morte un ben supremo
Se per lei morir m'è dato;
Nel subir l'estremo fato
Gaudii immensi il cor avrà;
L'ira umana più non temo,
Temo sol la tua pietà.
(Sai RADAMÉS ladeado por Guardas
AMNERIS
(Afunda-se numa cadeira, abatida sôzinha, no maior
desespêro)
Ohimè!... Morir mi sento.. Oh! Chi

lo salva?
(dominada pela emoção)
E in poter di costoro
lo stessa lo gettai!... Ora, a te impreco
Atroce gelosia, che la sua morte
E il lutto eterno del mio cor segnasti!
(Os Sacerdotes aparecem e entram na sala subterrâ-
nea. AMNERIS vê os Sacerdotes).
Ecco i fatali
Gli inesorati ministri di morte...
Oh! ch'io non vegga quelle bianche
larve!
(cobre o rosto com as mãos; ouve-se o Côro na
sala subterrânea)
RAMFIS E SACERDOTES
Spirto del Nume sovra noi discendi!
Ne avviva al raggio dell' eterna luce;
Pel labbro nostro tua giustizia apprendi.
AMNERIS
Numi, pietà del mio straziato core...
Egli è innocente, lo salvate, o Numi!
Disperato, tremendo è il mio dolore!
RADAMÉS aparecê com os Guardas e entra na sala
subterrânea).
(AMNERIS vê RADAMÉS e exclama)
Oh! chi lo salva?
Mi sento morir!
RAMFIS
(na cripta)
Radamès! Radamès! Radamès! tu rivelasti
Della patria i segreti allo straniero...
SACERDOTES
Discolpati!
RAMFIS
Egli tace...
TODOS
Traditor!
AMNERIS
Ah pietà! egli è innocente,
Numi, pietà, Numi, pietà!
RAMFIS
(na sala subterrânea)
Radamès! Radamès! Radamès! tu disertasti
Dal campo il dì che precedea la pugna.

SACERDOTES
Discolpati!
RAMFIS
Egli tace...
TODOS
Traditor!
AMNERIS
Ah pietà! ah! lo salvate
Numi, pietà, Numi, pietà!
RAMFIS
Radamès! Radamès! Radamès! tua fé
violasti,
Alla patria spergiuo, al Re, all' onor.
SACERDOTES
Discolpati!
RAMFIS
Egli tace...
TODOS
Traditor!
AMNERIS
Ah pietà! ah! lo salvate,
Numi, pietà, Numi, pietà!
RAMFIS E SACERDOTES
Radamès è deciso il tuo fato;
Degli infami la morte tu avrai;
Sotto l'ara del Nume sdegnato
A te vivo fia schiuso l'avel.
AMNERIS
A lui vivo... la tomba... Oh! gl'infami!
Nè di sangue son paghi giammai...
E si chiaman ministri del ciel!
(Os Sacerdotes tornam a aparecer, saindo da cripta)
SACERDOTES
Traditor! Traditor! Traditor!
AMNERIS
(Avançando para os Sacerdotes)
Sacerdoti: compiste un delitto...
Tigri infami di sangue assetate...
Voi la terra ed i Numi oltraggiate...
Voi punite chi colpe non ha.
RAMFIS E SACERDOTES
È traditor! morrà.
AMNERIS
(à RAMFIS)

Sacerdote! quest' uomo che uccidi,
Tu lo sai... da me un giorno fu
amato...
L'anatema d'un core straziato
Col suo sangue su teria ricadrà!
RAMFIS E SACERDOTES
È traditor! morrà.
AMNERIS
Voi la terra ed i Numi oliraggiate
Voi punite chi colpe non ha.
SACERDOTES
È traditor! morrà!
(Os Sacerdotes se retiram)
Traditor!
AMNERIS
Empia razza! anatema! su voi!
La vendetta del ciel scenderà!
(Sai bruscamente)

CENA II

A cena é dividida em dois planos. O superior representa o interior do Templo de Vulcano, resplendente de ouro e luz; o interior é uma cripta. Longas arcadas desaparecem na escuridão. Estátuas colossais de Osiris com as mãos cruzadas, sustentam os pilares da abóbada. RADAMÉS se acha nos degraus da escadaria que conduz ao subterrâneo. Em cima, dois Sacerdotes empenhados em baixar a pedra que veda o comparecimento subterrâneo.

RADAMÉS
La fatal pietra sovra me si chiuse...
Ecco la tomba mia. — Del dì la luce
Più non vedrò... Non rivedrò più
Aída...
— Aída, ove sei tu? Possa tu almeno
Viver felice e la mia sorte orrenda
Sempre ignorar! — Qual gemito — Una
larva...
Una vision. No! forma umana è
questa...
Ciel!... Aída!

AIDA

Son io...

RADAMÉS

Tu... in questa tomba!

AIDA

Presago il core della tua condanna,
In questa tomba che per te s'apriva
lo penetrarai furtiva...
E qui lontana da ogni umano sguardo
Nelle tue braccia desiai morire.

RADAMÉS

Morir! sì pura e bella!
Morir per me d'amore...
Degli anni tuoi nel fiore
Fuggir la vita!
T'aveva il cielo per l'amor creata,
Ed io t'uccido per avverti amata!
No, non morrai!...
Troppo t'amai!...
Troppo sei bella!...

AIDA

(em devaneios)

Vedi?... di morte l'angelo
Radiante a noi s'appressa...
Ne adduce e eterni gaudii
Sovra i suoi vanni d'ôr.
Su noi già il ciel dischiudersi...
Ivi ogni affanno cessa...
Ivi comincia l'estasi
D'un immortale amor.

SACERDOTES E SACERDOTISAS

Immenso, immenso... Fthà...
Del mondo spirito animato.

AIDA

Triste canto!...

RADAMÉS

Il tripudio
Dei Sacerdoti.

AIDA

Il nostro inno di morte...

RADAMÉS

(tentando remover a pedra que fecha o subterrâneo)

Nè le mie forti braccia
Smuovere ti potranno o fatal pietra!

AIDA

Invan!... tutto è finito
Sulla terra per noi...

RADAMÉS

(Com triste resignação)

È vero! è vero!
(RADAMÉS se aproxima de AIDA e a ampara)

AIDA E RADAMÉS

O terra, addio; addio valle di pianti...
Sogno di gaudio che in dolor svanì...
A noi si schiude il cielo, e l'alme erranti
Volano al raggio dell'eterno di.

(Surge AMNERIS, trajando luto, e se atira sobre a laje que veda o subterrâneo. Por fim, AIDA desmaia e falece nos braços de RADAMÉS).

AMNERIS

(Sufocada de emoção)

Pace t'imploro — salma adorata...
Isi placata — ti schiuda il ciel!

SACERDOTES E SACERDOTISAS

Noi t'invochiam, noi t'invochiam,
Immenso Fthà, immenso Fthà!

FIM

